

Entrar pela Porta Estreita

Sé Primaz, Pastoral da Cultura da Arquidiocese de Braga

Com viva esperança aceitei o desafio para partilhar convosco uma catequese de esperança, sob o tema *Entrar pela porta estreita*. Por acontecer aqui na Sé primaz, evoca prontamente a Escola da Sé ou da Catedral que existia antes da criação dos Seminários Conciliares no século XVI.

O tema da “porta estreita” que foi confiado encontra a sua fonte no evangelho segundo São Mateus, no famoso discurso da montanha, onde Jesus ensina com autoridade: *«13 “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. 14 Como é estreita a porta e apertado o caminho que conduz à vida, e como são poucos aqueles que a encontram!”»* (Mt 7, 13-14).

Este é um apelo ao sentido de responsabilidade e, ao mesmo tempo um apelo urgente à conversão, com que a pessoa deve usar da sua liberdade, tendo em vista o fim último (cf. Catic 1036). Tudo isto supõe a escolha decisiva entre os dois caminhos. Jesus Cristo é Ele mesmo a porta e o caminho.

A questão é vital: *«No tempo em que Deus criou as coisas, criou o sol. O sol nasce, morre e regressa. E criou a lua. A lua nasce, morre e regressa... Também criou o homem. O homem nasce, morre e não regressa mais»* (Cântico sudanês dos Denka).

Igualmente em São Lucas lemos: *«22 Continuou, então, a viagem para Jerusalém, ensinando por todas as cidades e povoações por onde passava. 23 Alguém lhe perguntou: “Senhor, são poucos os que se salvam?”. Ele disse aos presentes: 24 “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar e não serão capazes. 25 A partir do momento em que o dono da casa se levante e feche a porta, vós ficareis do lado de fora e começareis a bater à porta, dizendo: “Abre-nos, senhor!”. Mas ele responder-vos-á: “Não sei de onde sois”. 26 Então começareis a dizer: “Comemos e bebemos na tua presença, e ensinaste nas nossas praças”. 27 E ele responder-vos-á: “Não sei de onde sois. Afastai-vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade”. 28 Ai haverá choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus Abraão, Isaac e Jacob e todos os profetas, e vós a serdes lançados fora. 29 Virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e*

reclinar-se-ão à mesa no reino de Deus. 30Hão últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos» (Lc 13, 22-30).

No texto do Evangelho segundo São Lucas, diz que Jesus prossegue o seu caminho para Jerusalém. Também prosseguimos o caminho de Páscoa, como peregrinos de esperança.

À pergunta feita por um desconhecido: «*Senhor, são muitos os que se salvam?*», Jesus inverte o sentido da pergunta e em vez de responder sobre o número dos que se salvam, muitos ou poucos, refere-se ao como «*Esforçai-vos por entrar pela porta estreita...*». A pergunta é terrível e a resposta é potente. A pergunta é feita por uma pessoa, a resposta diz respeito a todos.

Todavia, a pergunta parece assentar na certeza da salvação e por isso, a resposta de Jesus, quando estabelece a comparação com o dono da casa que não abre a porta depois de a ter fechado, indica que a salvação não é mérito humano e adverte para o perigo de qualquer género de certezas acerca da mesma. A sentença expressa em forma de provérbio «*Há últimos que serão dos primeiros e primeiros que serão dos últimos*», afirma com simplicidade e clareza que o tempo messiânico trará consigo a subversão de todos os valores e o chamamento dos povos todos ao Reino de Deus.

A salvação é central em todas as religiões. Este termo interliga-se com outros termos: redenção, perdão, expiação, reconciliação, graça, conversão, renascimento, justiça, vida eterna... na gramática cristã, a salvação é um dom divino universal que atravessa o Antigo e o Novo Testamento e que interlaça o tempo e a eternidade.

Santo Agostinho comenta inteligentemente: «*que a palha não faça troça do grão*» (sermão 111).

1. Porta estreita aberta a todos

A *porta estreita* é uma imagem que nos pode assustar, como se a salvação fosse destinada apenas a poucos eleitos ou aos perfeitos. Mas isto contradiz o que Jesus nos ensinou em muitas ocasiões; com efeito, Ele diz: «Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no Reino de Deus» (v. 29). «*Portanto, esta porta é estreita, mas está aberta a todos! Não vos esqueçais disto: a todos! A porta está aberta a todos!*» (Papa Francisco, 21 de agosto de 2022).

Mas para compreender melhor esta *porta estreita*, devemos perguntar-nos o que ela é. Jesus apresenta a imagem da vida da época e provavelmente refere-se ao facto de que, quando anoitecia, as portas da cidade eram fechadas e apenas uma, mais estreita e pequena, permanecia aberta: para regressar a casa, só se podia passar por ali.

Uma porta é, por um lado, uma realidade que fecha e separa dois lugares; e, por outro lado, que abre e mete em relação e comunicação. Tem além da sua função prática este apelo de passagem, da condição de peregrinos à de contemplativos. A porta é assim uma meta, o termo de uma etapa de um processo de conversão: passar desta vida à vida eterna, da condição de pecador à salvação.

Entrar na Sé ou noutra igreja ou santuário pela porta, não significa entrar num edifício de culto, mas unir-se a uma comunidade crente e orante reunida em assembleia litúrgica, ou seja, assembleia santa. Para todo o crente, entrar na porta da igreja, *«significa entrar a fazer parte de toda a história de fé de um povo e pertencer-lhe inteiramente. Quer dizer, escolher de ser membro do corpo histórico, presente e passado, da comunidade crente»* (G. Boselli).

Pelo Salmo 24, 7, somos convidados a cantar *«levantai, ó portas, os vossos umbrais; alteai-vos pórticos antigos e entrará o rei da glória»*, ao entrar na igreja e particularmente nas procissões (ex. hoje no início do Jubileu da Misericórdia, no Domingo de Ramos. Nalgumas celebrações (Batismo, Matrimónio, Exéquias) os fiéis são recebidos às portas da igreja marcando, pois, uma fronteira entre o que se vê e o mistério que se celebra.

2. Atravessar a Porta

As inúmeras folhas de oliveira, que usamos no expressivo costume litúrgico de Braga da Semana Santa em frente da porta da Sé primaz, simbolizam o nosso encontro com o Evangelho, a fidelidade e paz do coração.

A força simbólica da travessia da porta da Sé recorda de imediato as palavras de Jesus: *«Eu sou a porta, se alguém entrar por Mim, será salvo»* (Jo 10,9). Cristo é a passagem do ser humano para Deus. Por isso, passar a porta da Igreja está cheia de significados e compromissos humanos, sociais, culturais, pastorais, espirituais, sinodais e missionários.

Por isso, atravessamos as portas da Sé Primaz, com o rito peculiar bracarense de a abrir com a Cruz de Jesus Cristo. Na verdade: *«a porta da fé*

(cf. At 14, 27), que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja, está sempre aberta para nós. É possível cruzar este limiar, quando a Palavra de Deus é anunciada e o coração se deixa plasmar pela graça que transforma. Atravessar esta porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira. Este caminho tem início no Batismo (cf. Rm 6, 4), pelo qual podemos dirigir-nos a Deus com o nome de Pai, e está concluído com a passagem através da morte para a vida eterna, fruto da ressurreição do Senhor Jesus, que, com o dom do Espírito Santo, quis fazer participantes da sua própria glória quantos creem n'Ele (cf. Jo 17, 22)» (Bento XVI).

Teresa de Ávila deixou-nos em herança um brevíssimo poema sobre a arte da paciência (a filha da esperança): *«Nada te turbe / nada te espante. Tudo passa / só Deus não muda. A paciência tudo alcança, / só Deus basta».*

Santa Teresa de Ávila escreveu ainda: *«Eu não sei aonde é que isto irá parar, porque ainda não fiz cinquenta anos e já vi tantas mudanças que não sei como viver. Que farão os que nascem agora, se viverem muito tempo?».*

Que a nossa esperança cristã jamais se esqueça de iluminar as outras esperanças terrenas, porque *«as alegrias e as esperanças (...) dos homens de hoje, (...) são também as alegrias e as esperanças (...) dos discípulos de Cristo»* (GS 1).

Bento XVI, no início do seu pontificado afirmou: *«Quem faz entrar Cristo, nada perde, nada absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade experimentámos o que é belo e o que liberta. Assim, eu gostaria com grande força e convicção, partindo da experiência de uma longa vida pessoal, de vos dizer hoje, queridos jovens: não tenhais medo de Cristo! Ele não tira nada, ele dá tudo. Quem se doa por Ele, recebe o centuplo. Sim, abri de par em par as portas a Cristo e encontrareis a vida verdadeira»* (24 abril 2005).

«Temos nela [Esperança] como que uma âncora da alma, segura e firme, que penetra para além do véu do santuário, 20 onde Jesus entrou como nosso precursor, tornando-se para sempre sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec» Hb 6, 19-20).

A porta é estreita, mas está sempre aberta.

A Igreja é comunhão dos santos, não obstante o nosso egocentrismo, orgulho, individualismo e tamanhas resistências. Contudo, não esqueçamos,

como dizia o São Henry Newman: «viver é mudar, e ser perfeito é ter mudado muitas vezes».

A vocação à santidade é o testemunho maior da dignidade cristã e conduz à perfeição da caridade ou da misericórdia, para sermos «*misericordiosos como o Pai*» (cf. Lc 6, 27). Igualmente a vocação à santidade anda de mãos dadas com a Palavra de Deus e com a missão.

Recordamos que a vida cristã é uma grande peregrinação à casa do Pai. Por isso, somos um povo que caminha nas estradas e nas ruas da vida. Também, em sinal disto mesmo, peregrinamos hoje à Sé, a casa da oração e a porta do céu. «*Aqui celebramos a claridade, porque Deus nos criou para a alegria*» (Sophia de Mello – casa de Deus).

Em cada celebração da Eucaristia, no diálogo do Prefácio da Oração Eucarística, o sacerdote declara: *Demos graças ao Senhor nosso Deus* e a assembleia responde: *é nosso dever, é nossa salvação*.

Com efeito, atravessar a porta estreita do Evangelho é a nossa salvação. O Papa Leão XIV afirma abertamente: «*A nossa fé é autêntica quando envolve toda a nossa vida, quando se torna um critério para as nossas escolhas, quando nos torna mulheres e homens que se comprometem com o bem e apostam no amor, tal como fez Jesus; Ele não escolheu o caminho fácil do sucesso ou do poder, mas, para nos salvar, amou-nos até atravessar a “porta estreita” da Cruz. Ele é a medida da nossa fé, Ele é a porta que devemos atravessar para sermos salvos (cf. Jo 10, 9), vivendo o seu amor e tornando-nos, com a própria vida, agentes de justiça e paz*».

+ José Manuel Cordeiro

Intervenção de D. José Manuel Cordeiro, Arcebispo de Braga, no âmbito da conferência «Entrai pela porta estreita» (Mt 7,13-14), organizada pela Pastoral da Cultura da Arquidiocese de Braga (15 de outubro de 2025)